

UMA VIAGEM À ÍNDIA, DE GONÇALO M. TAVARES: UMA EPOPEIA  
CONTEMPORÂNEA

UMA VIAGEM À ÍNDIA, BY GONÇALO M. TAVARES: A CONTEMPORARY EPIC

Maria Isabel da Silveira Bordini<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho discute a obra *Uma Viagem à Índia — Melancolia contemporânea (um itinerário)*, de Gonçalo M. Tavares, nas suas relações com *Os Lusíadas*, de Camões, de cuja forma e tema se apropria, e *Ulysses*, de James Joyce, em cujo procedimento de apropriação e reinvenção de referentes paradigmáticos da tradição literária ocidental se inspira. Pretendemos, assim, analisar de que modo o gênero epopeia, enquanto narrativa fundacional de uma coletividade, é aqui retomado e ressignificado por Gonçalo Tavares.

Palavras-chave: epopeia; modernidade; individualidade.

**ABSTRACT:** The present paper discusses the relations that *Uma Viagem à Índia — Melancolia contemporânea (um itinerário)*, by Gonçalo M. Tavares, holds with *Os Lusíadas*, by Luís de Camões, which has its theme and structure reinvented, and *Ulysses*, by James Joyce, whose procedures such as the appropriation of paradigmatic icons of the western literary tradition are referred to. We intend to discuss how the epic genre, as a narrative that contributes to the foundation of a political community, is taken and transformed by Gonçalo Tavares's work.

Keywords: epic genre; modernism; individuality.

A obra do escritor Gonçalo M. Tavares vem ganhando visibilidade no Brasil (e no mundo) não só por conta da sua surpreendente extensão (mais de duas dezenas de títulos já publicados desde 2001, alguns distinguidos com importantes prêmios, como o Prêmio José Saramago, em 2005, e o Prêmio Portugal Telecom, em 2007), mas talvez principalmente por causa dos temas explorados, que parecem ser de especial pertinência para a condição humana atual (particularmente para o aspecto político

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras, Estudos Literários, UFPR.

dessa condição), quais sejam: 1) o avanço até certo ponto imprevisto (e imprevisível) da técnica, juntamente com as consequências que isto representa para as estruturas de participação política<sup>2</sup> (questão central, por exemplo, em *Aprender a rezar na era da técnica*, romance da tetralogia *O Reino*); 2) o (suposto) embate entre cultura e natureza, em que a amoralidade da natureza se opõe à noção mecanicista e controladora do corpo e das organizações humanas, mas em que, ao mesmo tempo, se reconhece vontade na anarquia da natureza e anarquia na vontade de poder, na força (e na violência) dos “homens decididos” que buscam moldar a civilização; 3) a guerra como momento em que a tensão poder-violência atinge seu grau máximo e em que, por consequência, os questionamentos sobre os fundamentos do estar-junto humano encontram cenário privilegiado; 4) e, por fim, a discussão sobre a ausência (e a validade, ou não, da busca) de algum valor referencial, exterior e transcendente (Deus, Sociedade, Humanidade, Razão, Inconsciente, História, Classe Social) que seja superior e determinante face à existência singular do sujeito.

Gonçalo Tavares nasceu em Luanda (Angola), em 1970, mas passou a vida toda em Portugal. Integra-se, portanto, à tradição literária portuguesa (logo, europeia), o que explica muito do seu projeto literário e é essencial para compreendermos a obra em questão. Primeiramente porque *Os Lusíadas*, de Camões, são a primeira referência em termos de estrutura formal e também temática de *Uma Viagem à Índia*. Em sua

---

<sup>2</sup> Ao mencionarmos este assunto temos em mente a pesquisa que estamos desenvolvendo no mestrado, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, cujo objetivo é identificar e analisar as representações do poder e da violência na obra de Gonçalo Tavares. Para tanto, nos valem das concepções da filósofa Hannah Arendt a respeito desses dois fenômenos — a violência e o poder. Nesse sentido, destacamos que Hannah Arendt já alertara para o perigo da frustração da faculdade de agir no mundo contemporâneo, frustração que abre espaço para a violência e sua glorificação e cujas raízes se encontram justamente na burocratização da vida pública, fruto do avanço irrefreado da técnica: “E penso ser possível demonstrar que nenhuma outra habilidade humana [nenhuma tanto quanto a faculdade de agir, a habilidade de iniciar algo de novo] sofreu tanto em razão do progresso da era moderna [...]. Quanto maior torna-se um país, em termos de população, de objetos, e de bens, maior será a necessidade de administração e com ela o poder anônimo dos administradores.” (ARENDR, 2009, p. 46).

epopeia, Gonçalo Tavares repete formalmente a estrutura d'*Os Lusíadas*, desde o número de cantos (dez), passando pelo número de estâncias dentro de cada canto, até os momentos principais da ação em cada uma delas, que são recriadas de forma bastante livre por Tavares, mas sempre em diálogo, mais ou menos explícito, com os episódios de Camões<sup>3</sup>.

Em seguida, sob o aspecto temático, a revisitação do tema da *viagem iniciática*<sup>4</sup> do Ocidente em direção ao Oriente, num modelo da aprendizagem que se procura no outro (e que no final se revela um encontro consigo mesmo), tendo sempre como referência a viagem relatada n'*Os Lusíadas* que, por sua vez, se insere num quadro histórico maior de grandes feitos conquistadores e bélicos, por meio do qual o poema de Camões busca narrar a gênese de uma grande nação, que culmina na conquista dos mares e na aventura da busca pelo desconhecido, o que acaba por revelar à nação lusitana seu próprio destino e identidade, é reelaborada por Tavares num exercício de desconstrução, paródia e, conforme veremos, esvaziamento<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> Esse paralelismo não é sempre fácil de se achar, mas em geral ele se encontra, em algum nível, no tema ou conteúdo das estrofes. Podemos citar como exemplo as estrofes 118 a 135 do Canto III. Essas são as estrofes que, n'*Os Lusíadas*, tratam do episódio da morte de Inês de Castro. Em *Uma viagem à Índia*, Bloom conta, nessas mesmas estrofes, sobre a sua amada Mary, que, tal como Inês, foi assassinada por ordem do pai de seu amado: "O pai zangado com a escolha amorosa do filho/ - pela primeira vez uma mulher pobre na família Bloom - / decidiu contratar três criminosos,/ especializados em matar mulheres/ de nome Mary" (TAVARES, 2010, Canto III, estrofe 122).

<sup>4</sup> "Esta repetição da viagem iniciática do Ocidente, tendo como 'modelo' a dos *Lusíadas*, é uma original revisitação da mitologia cultural e literária do mesmo Ocidente, não como exercício sofisticado de desconstrução (que também é) mas como versão lúdica e paródica de uma *quête*, aleatória e como tal assumida." (LOURENÇO, Eduardo. "Uma viagem no coração do caos". Texto incluído como prefácio à edição brasileira de *Uma Viagem à Índia*: TAVARES, 2010, p. 9).

<sup>5</sup> Miguel Real destaca a centralidade do sentimento de vazio e decadência na obra de Tavares, em contraste com o poema épico de Camões: "Em *Viagem à Índia*, o lirismo e o epicismo de Camões são subvertidos em absoluto; em seu lugar, fica o grande vazio, o grande Nada ontológico e psicológico de Portugal, a ausência de uma grande razão para Portugal perdurar a não ser em função do economicismo e do consumismo próprios da era da tecnocracia. *Viagem à Índia* assemelha-se ao "Livro dos Mortos-Vivos" de que somos hoje figura maior na Europa, momento auroral de uma nova civilização europeia, um novo Portugal, de que se desconhece ainda os contornos precisos e de que Gonçalo M. Tavares é, hoje, no nosso país, o maior cantor. Ao epicismo glorioso do Tudo, de Camões,

Um aspecto que não parece ter sido devidamente percebido pela crítica em geral, e que gostaríamos justamente de destacar como um dos pontos de articulação centrais em nossa análise, é que esse mesmo exercício de esvaziamento e paródia da tradição ocidental plasmada no gênero épico se ancora ainda numa outra referência paradigmática do cânone literário ocidental, o *Ulysses* de James Joyce. Não parece ter se dado a devida importância ao fato de que o herói de *Uma Viagem à Índia* (ou anti-herói ou, melhor ainda, o “aherói”, uma vez que a ideia de anti-herói pressupõe a de herói e tal pressuposto é, dentre outros, justamente desfeito pela epopeia de Tavares) se chama justamente Bloom. Isso pode ser tomado como referência ao personagem Leopold Bloom, protagonista do grande romance do século XX, *Ulysses*, que por sua vez se inspira na Odisseia de Homero e de certo modo a recria, tanto estrutural quanto tematicamente, num exercício de paródia, desconstrução e esvaziamento. Esvaziamento no qual Gonçalo Tavares certamente pensou ao conceber a sua epopeia.

A respeito da monumental obra de James Joyce, podemos afirmar, tendo em vista nossas limitações frente ao assunto e nosso objetivo nada exaustivo nesta análise, que um dos principais feitos do autor foi, por assim dizer, pintar e bordar com a prosa em língua inglesa, tencionando-a nos seus limites máximos, bem como a estrutura do próprio romance, com o intuito de forjar um retrato fiel e “realista” do homem moderno: não por buscar reproduzir os parâmetros estéticos do realismo de escola, bem entendido, mas, justamente ao contrário, por procurar ser, digamos, menos “literário” e mais convincente, ao extrapolar os limites do que até então se entendia possível na ficcionalidade. “Leopold Bloom, concebido por seu criador para falar como um homem comum ultrajado pela injustiça do mundo, tinha ultrajado o mundo justamente por ser comum”, afirma Declan Kiberd (JOYCE, 2012, p. 19), em conhecido ensaio sobre a obra de Joyce, no qual nos lembra, ainda, que o escritor

---

sucede, hoje, o epicismo tenebroso do Nada, de Gonçalo M. Tavares.” (REAL, Miguel. *Viagem à Índia – do ser ao nada. Plural Pluriel Revue des Cultures de Langue Portugaise*).

irlandês afirmava “que a ideia do *Ulysses* é bem simples, só o método é difícil.” E prossegue: “O método — concentrar-se nas minúcias aparentemente mais insignificantes — tornou possível um dos relatos da vida cotidiana mais completos já apresentados por um romancista.”

O Bloom de Gonçalo Tavares, por sua vez, é o homem do século XXI, o indivíduo pós “falência das utopias”. Ele empreende uma epopeia mais mental do que física, opondo-se, de certa forma, à característica de “épico do corpo” que foi atribuída a *Ulysses* (embora o livro de Tavares seja pleno de máximas e aforismos que compõem uma espécie de “ética do corpo”, pautada, portanto, pelas relações espaciais, no espaço e com o espaço) numa última investida em busca da Sabedoria e do Espírito. Mas isso tudo se inicia por meio de uma banal viagem de avião, de Portugal até a Índia, de modo que começamos a nos dar conta do exercício de paródia e esvaziamento do modelo épico, exercício que, conforme procuraremos demonstrar, coloca a épica de Tavares em diálogo com o romance de Joyce.

Diferentemente do Bloom de Joyce, o personagem de Tavares, feito de traços fortes e lacônicos que lembram algo de um herói de quadrinhos (superficial e ao mesmo tempo completo, acabado), transpira ficcionalidade e parece muito à vontade na sua condição de literariedade (talvez até muito consciente dela). O livro de Tavares é, nas palavras do próprio autor, uma espécie de “ficção ao quadrado ou ao cubo” em grande parte pelo fato de a narrativa seguir o mapa d’*Os Lusíadas* — o mapa da obra, bem entendido, não o do percurso histórico real que o poema épico de Camões busca retratar. Esse aspecto de “ficção ao quadrado ou ao cubo” constitui outro paralelo joyceano/ulyssseano que nos cabe apontar: na epopeia de Gonçalo Tavares, tal como em *Ulysses* de Joyce, dá-se a apropriação e a variação a partir de um texto mais antigo e fundador de uma tradição literária — a *Odisseia* neste, *Os Lusíadas* naquele —, mas através de procedimentos e com resultados significativamente distintos, conforme veremos logo mais.

O personagem Bloom de *Uma Viagem à Índia*, e a epopeia de Gonçalo Tavares como um todo, não aspiram àquela totalidade pela minúcia (àquela totalidade monstruosa que parece desafiar as próprias regras da ficcionalidade) de que se compõe e pela qual ganha vida de forma tão inédita o Leopold Bloom de *Ulysses*. Mas, num movimento quase que contrário ao realizado por James Joyce, o herói e a epopeia de Gonçalo Tavares assumem o seu estatuto de ficcionalidade e lançam mão disso para fazer não o relato da gênese grandiosa e gloriosa de uma nação, mas o relato do percurso de um indivíduo e, através dele, o relato da falência espiritual do Ocidente, isto é, da falência de qualquer busca por um sentido (espiritual, histórico, social, ético) que não seja imanente, que não brote da materialidade das relações entre os homens e destes com o meio. Materialidade que se revela (na obra de Gonçalo Tavares como um todo, aliás, e não apenas em *Uma Viagem à Índia*) nada tranquila e muito longe de contentar os anseios e conflitos humanos, sendo permanentemente conflituosa (por “falência espiritual do Ocidente” entendemos a “redução” da compreensão da existência humana a uma realidade material que é sempre turbulenta e insatisfatória):

Com boas condições materiais generalizadas,  
em menos de dois séculos  
as religiões desaparecem, disse Bloom,  
provocador.  
Mas além da pobreza  
e do frio, há ainda a morte – contrapôs Anish.  
A morte, sim, a grande chatice.  
Claro que a morte é ao lado  
ou ao longe, ou não é nada  
- pois a nossa não existe para nós.  
Morre-se já fora da vida,  
o que é um absurdo e uma evidência.  
(TAVARES, 2010, Canto X, estrofes 6 e 7).

Outro aspecto central de *Uma Viagem à Índia* é que neste relato não há deuses. “Os deuses actuam/ como se não existissem, e assim/ não existem, de facto, com extrema eficácia.” (TAVARES, 2010, p. 34). Mas os deuses já tinham deixado de existir

em Joyce (até aí nenhuma novidade), lá tínhamos apenas o “homem humano” tensionando e ressignificando (e assim garantindo a sobrevivência) do ficcional, mais especificamente do ficcional na forma romance. Na verdade, de certa forma, os deuses já não existiam n’*Os Lusíadas* de Camões... Sobre essa questão, António José Saraiva diferencia as “epopeias primitivas”, como as de Homero, que surgem num momento que ainda não conhece a noção de Estado, “em que o grupo étnico se encontra em processo de expansão guerreira e em que as forças sociais, psíquicas e da natureza se apresentam aos membros do grupo como personalidades humanas” (SARAIVA, 1997, p. 121), inexistindo ainda, portanto, algum tipo de pensamento abstrato (daí o papel determinante dos deuses e o relevo dos heróis), das “epopeias de imitação”, como a *Eneida*, de Virgílio, e todas as reedições do gênero que acontecem no Renascimento, caso d’*Os Lusíadas*. Nestas, “os heróis [bem como os deuses enquanto entidades “reais” e personalizadas, diríamos] perdem a força e o relevo, em proveito de um destino, ou providência, noção abstracta com que se justifica transcendentemente o estado” (SARAIVA, 1997, p. 122). Ou seja, nessa segunda fase do gênero épico temos a substituição do grupo étnico pelo estado (pela nação jurídica e territorialmente conformada), o que leva à imposição de certas noções abstratas (estado, natureza) no lugar dos deuses e heróis, que se convertem cada vez mais em alegorias de abstrações e apagam-se como individualidades.

O *Ulysses* de Joyce de algum modo se insere e se apropria desse desenvolvimento do gênero épico como representação de abstrações a serviço da construção de uma identidade nacional. Basta pensar nas diversas leituras e interpretações que se fazem do romance tomando-se a situação política da Irlanda (que de fato presente, muitas vezes em referências simbólicas ou alegóricas) como elemento central. Contudo, a nosso ver, o que é fundamental na operação que Joyce realiza a partir dessa segunda leva de epopeias (as que Saraiva denomina “epopeias de imitação”) é justamente a retomada da centralidade da personalidade do herói (agora

numa chave moderna, baseada na ascensão da individualidade) e a desconstrução (via parodização) do procedimento que faz do herói símbolo ou encarnação de abstrações associadas aos valores nacionais. Daí o acúmulo de minúcias a respeito de um só dia na vida de um indivíduo. Ao mesmo tempo, esse tratamento exaustivo e individualizado, ao se pôr em diálogo com a literatura ocidental em sua gênese (Homero), acena para a possibilidade de falar não só do irreduzível e do particular, o indivíduo, mas também do histórico e do geral, a humanidade (e esse movimento, do particular para o geral da humanidade, é uma das especificidades da literatura e da ficção em geral; e, diríamos ainda, é talvez algo que apenas a ficção consegue alcançar de modo satisfatório).

Já o que temos na epopeia de Gonçalo Tavares é a redução dessa humanidade aos seus traços mínimos, primordiais, arquetípicos<sup>6</sup>, (algo que, novamente, só a ficção pode fazer a contento) a fim de tratar de um dos principais problemas ou questões da contemporaneidade que está essencialmente imbricado com a tal da “falência espiritual” do Ocidente: a forma como lidamos (ou como não sabemos mais lidar) com as narrativas fundacionais, e portanto coletivas, diante do advento da individualidade. Diga-se de passagem, esse nos parece ser o mesmo problema com que se depara o *Ulysses* de Joyce, e com isso acenamos para a suspeita de que aquilo que chamamos de pós-modernidade, pós-modernidade da qual o Bloom da epopeia de Gonçalo Tavares se pretende um símbolo, ou um ícone, talvez nada mais seja do que a continuação e a exacerbação de algumas das questões da boa e velha modernidade da qual, por sua vez, o Leopold Bloom do romance de James Joyce seria um dos ícones literários mais

---

<sup>6</sup> Um exemplo dessa redução se encontra numa das últimas estrofes do Canto X, momento que a narrativa apresenta uma espécie de síntese da pessoa de Bloom: “Bloom ouviu histórias,/ leu sete mil livros, estudou, conheceu homens/ e mulheres, viu e tocou em mais de dois mil/ objectos diferentes; e agora, quando anda,/ não pensa em nada./ Voltou a Lisboa. E o fim do dia/ tem uma bengala e uma velha que/ parecem conhecê-lo: Boa tarde, dizem. Mas Bloom tem medo,/ pressa e o estômago quente; o azul do céu é limpo/ por uma cor preta que começa./ O tecto do país tem hábitos: anoitece” (TAVARES, 2010, Canto X, estrofe 151).



genialmente formulados. Lembramos, a esse respeito, que um procedimento específico de dessacralização e derrubada de referencial metafísico/espiritual está presente em *Uma Viagem à Índia* por ocasião da menção ao *Mahabarata*<sup>7</sup>. Na Índia, Bloom se depara com uma edição rara do livro sagrado hindu, que se torna, inicialmente, objeto de cobiça material e intelectual e, depois, objeto de escambo e roubo. Por fim, Bloom o descarta sumariamente, no momento em que se desilude com qualquer possibilidade de compreensão espiritual (e com qualquer ética daí derivada) do mundo.

Esquemmatizando as relações que viemos tentando traçar entre as três obras, pode-se dizer que n'*Os Lusíadas* temos a exaltação de uma aventura coletiva, apoiada na ideia de heroísmo, mas na qual a personalidade dos heróis já se encontra empalidecida em prol de uma ideia de nação, da qual estão a serviço; em *Ulysses* há a descoberta (diríamos entusiasmada) da aventura comum e individual, isto é, do homem comum, protagonista da existência ordinária, e com isso se dá a retomada da centralidade da personalidade do herói, agora sob o advento da moderna individualidade; em *Uma Viagem à Índia*, por sua vez, essa aventura continua sendo individual, mas se torna sombria e pessimista, e, no extremo, a própria individualidade aí se esvazia, uma vez que não encontra um aparato coletivo (instituições, comunidade, valores) no qual se ancorar.

Mas por quê? Estaríamos testemunhando a individualidade, ou pelo menos a deformação dela, o individualismo, tornar-se o pecado incontornável do homem contemporâneo, pecado de consequências trágicas? (Tal como a *hybris* foi o pecado incontornável dos antigos?) Parece-nos que aquilo que a epopeia de Gonçalo Tavares

---

<sup>7</sup> O *Mahabarata*, junto com o *Ramayana*, é um dos principais livros da tradição hinduísta. É um poema épico hindu com mais de 90 mil versos (na sua versão mais longa) que tem um caráter de texto sagrado para os fiéis do hinduísmo. É considerado por eles como uma narrativa histórica real, ao mesmo tempo em que estabelece os métodos de desenvolvimento espiritual preconizados pelo hinduísmo.

põe em questão é precisamente a resposta que a contemporaneidade tem de dar à conquista moderna da individualidade, conquista que, como toda realidade humana, possui a sua parte de perdas e a sua parte de ganhos. Como Gonçalo Tavares pontua, em entrevista na qual comenta a obra que aqui analisamos:

Há toda uma trajetória da cultura, da forma como a sociedade vê o indivíduo, que tem que ver com uma série de conquistas. A formação da identidade individual, a possibilidade de uma pessoa poder decidir de alguma forma o seu destino, a reflexão individual, a possibilidade de participação individual na cidade, tudo isso são conquistas de séculos recentes. Há sempre uma parte de perda e de ganho, mas hoje há uma possibilidade de cada um poder de certa maneira decidir mais coisas do que há três séculos, e isso é um ganho. Agora, o individualismo extremo, como é evidente, é uma das doenças deste século.<sup>8</sup>

Instala-se, portanto, um impasse diante dessa individualidade que desponta como faca de dois gumes. Diante dela, a tradição da narrativa fundacional de uma coletividade, bem como os referenciais éticos de natureza espiritual e metafísica que por sua vez orientam como se devem dar as relações dentro de uma dada coletividade (ao mesmo tempo em que são transmitidos e sustentados por essa coletividade), revelam-se falhos. Pois os “gurus” (representados, em *Uma Viagem à Índia*, pelo sombrio e ambíguo Shankra, dono da edição do *Mahabharata* que Bloom cobiça, e que deseja se apossar das obras de Sêneca e Sófocles trazidas ao Oriente por Bloom) são desmascarados, não passam de sujeitos “vulgares e suspeitos vendedores de ilusões como todos os outros” (TAVARES, 2010, p. 16). O Oriente, a Índia, não é o lugar da Sabedoria e do Espírito, mas é o lugar do “homem humano” na sua versão mais mesquinha e nisso não se diferencia em nada da velha e decadente Europa, isto é, a versão pós-moderna e pós-utópica: “Procurou o Espírito na viagem à Índia,/ encontrou a matéria que já conhecia./ Nada agora o faz hesitar; animais bem-comportados/ e agarrados por coleiras a árvores ladram/ quando ele passa./ Os

---

<sup>8</sup> Gonçalo M. Tavares, em entrevista concedida ao blog de crítica literária *Parágrafo*.

sapatos avançam, fuma um cigarro,/ entra num café e pede um copo de vinho.” (TAVARES, 2010, Canto X, estrofe 149).

Esse impasse, aparentemente insolúvel, compreende, no entanto, duas respostas ou reações (ou talvez duas formas da mesma reação): a melancolia (forma passiva de reação) e a ironia (forma ativa), que se alternam por toda a extensão da obra de Tavares e estão presentes tanto nos enunciados de tom filosófico e aforístico do narrador, quanto nos pensamentos, atitudes e posturas de Bloom. No trecho a seguir, uma passagem do último canto em que Bloom, tendo encerrado sua viagem, faz um balanço das coisas que aprendeu, a ironia e a melancolia se misturam de forma evidente: “Os corpos têm braços, simulam gestos bruscos,/ mas o dia escapa-se, não consegues pousar/ um único dedo no dia de hoje./ És exterior, e não o querias ser./ Uma viagem à Índia bastou para verificar que os homens/ se correspondem, entre o Ocidente e o Oriente,/ com cartas ininterruptas;/ falam a mesma língua antiga, a de qualquer/ predador.” (TAVARES, 2010, Canto X, estrofe 50). “O homem é o lobo do homem” parece ser a conclusão, ironicamente enunciada, de tudo o que Bloom viu e aprendeu. Mas isso não deixa de carregar uma nota triste, desencantada: “És exterior, e não o querias ser”, quer dizer, és, insanavelmente, sozinho.

Em síntese, se tomarmos como índice de modernidade (como o principal índice) o advento e a centralidade do indivíduo (e da individualidade), tanto o *Ulysses* de James Joyce quanto *Uma Viagem à Índia* de Gonçalo Tavares podem ser encarados como respostas distintas a um mesmo problema: como sustentar os valores supraindividuais (antes veiculados pelas narrativas fundacionais de uma coletividade, tais como o *Mahabarata*, a *Ilíada*, a *Odisseia* e mesmo *Os Lusíadas*, e orientados por referenciais éticos que se ancoram numa realidade metafísica/espiritual) num mundo em que se operou um esvaziamento do significado político da esfera espiritual (de modo que os valores da coletividade não podem mais ser ancorados nela) e no qual o indivíduo e a individualidade se transformaram numa espécie de pedra de toque da

civilidade e da própria civilização?<sup>9</sup> Isto é, num mundo em que o valor da civilização é medido pelo grau de centralidade que nela assume a individualidade?<sup>10</sup>

James Joyce parece lidar com isso esticando ao máximo os limites da prosa e da ficcionalidade, a fim de enquadrar literariamente esse homem moderno à deriva e, simultaneamente, salvar a possibilidade da sua representação ficcional na forma romance (e salvar também a possibilidade de a narrativa ficcional continuar falando da vida humana). Para tratar do drama de toda uma coletividade, o advento da moderna individualidade e a queda do modelo tradicional de heroísmo épico, James Joyce reinventou a forma literária originalmente desenhada para tratar dos dramas individuais, o romance. Gonçalo Tavares, por sua vez, recorre a uma forma clássica e em desuso, a epopeia (que se comunica com toda a tradição literária ocidental e que, por ser o lugar originário da narrativa, é a forma ancestral do romance) e perverte-a no seu conteúdo: em vez da aventura de uma coletividade, narra a aventura (pessimista, irônica e melancólica) de um indivíduo que é assumidamente ficcional. Ou seja, sua realização tem quase o sinal trocado da realização de James Joyce: utiliza a forma que tradicionalmente veicula narrativas fundacionais de uma coletividade para tratar do drama de um só indivíduo – um indivíduo que, ao contrário do protagonista de *Ulysses*, não tem qualquer pretensão de realidade. James Joyce, por sua vez, realizou

---

<sup>9</sup> Isso talvez transpareça razoavelmente bem na seguinte passagem, em que Bloom parece perceber os limites da cultura ocidental, bem como da sua função congregante: “Já não há sábios, há leitores – exclama Bloom. Tudo é paginável:/ a inteligência, a ciência, a religião./ A linguagem entrou no mundo/ pelos urros antes das batalhas, mas aperfeiçoou-se:/ ganhou pormenores, mas não visão de conjunto./ Bloom tosse, sorri, ganha tempo. Aponta para o infinito e acerta./ Ou então falha. Que fazer? Bloom/ está confuso, mas quer partir” (TAVARES, 2010, canto VIII, estrofe 79).

<sup>10</sup> Lembrando que há grandes contradições nessa dinâmica *indivíduo X civilização* na modernidade, e que muitas vezes a centralidade do indivíduo está dada de barato, num plano ideológico, justamente para servir e mascarar formas de opressão e silenciamento da individualidade, formas essas que por vezes têm origens e características pré-modernas: a valorização da autonomia do indivíduo no campo profissional, o enaltecimento do *selfmade man*, que encobre o fato de que a possibilidade de escolha e autodeterminação numa carreira profissional ainda é um privilégio de poucos: a maior parte das pessoas trabalha antes de tudo para sobreviver e não fazendo aquilo de que gosta e que seria expressão autêntica da sua individualidade.

a “super-representação” de um indivíduo numa forma literária talhada para tratar da individualidade moderna, o romance, e, com isso, devolveu a dimensão coletiva a essa forma: o romance sobre um homem comum para os homens comuns. Ou seja, estamos diante de respostas que têm o sinal invertido, mas que se posicionam ante os mesmos problemas: o esvaziamento de significado de uma esfera espiritual e metafísica; a conseqüente impossibilidade de fundar os valores e códigos de conduta moral, que se dirigem a uma coletividade, nessa esfera; e a resultante ascensão da individualidade, com o seu potencial de descoberta e compreensão do mundo por um lado, e, por outro, o seu risco de inviabilizar a existência humana na esfera pública, bem como inviabilizar a possibilidade de continuar falando dessa existência no âmbito da narrativa ficcional, que tampouco subsiste sem a guarida e o substrato da esfera pública, isto é, a esfera da pluralidade e da decisão coletiva que tanto urge recuperar.

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, H. *Sobre a violência*. Tradução de André Duarte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- JOYCE, James. *Ulysses*. Tradução de Caetano W. Galindo. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.
- LOURENÇO, Eduardo. Uma viagem no coração do caos. In: TAVARES, Gonçalo M. *Uma Viagem à Índia – Melancolia contemporânea (um itinerário)*. São Paulo: Leya, 2010, p. 9-16.
- REAL, Miguel. “Viagem à Índia – do ser ao nada” in: *Plural Pluriel Revue des Cultures de Langue Portugaise*  
<[http://www.pluralpluriel.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=301%3Aviagem-a-india-do-ser-ao-nada&catid=55%3Areste&Itemid=1](http://www.pluralpluriel.org/index.php?option=com_content&view=article&id=301%3Aviagem-a-india-do-ser-ao-nada&catid=55%3Areste&Itemid=1)>. Acesso em: set. de 2012.
- SARAIVA, António José. *Luís de Camões*. Lisboa: Gradiva, 1997.
- TAVARES, Gonçalo M. *Uma Viagem à Índia – Melancolia contemporânea (um itinerário)*. São Paulo: Leya, 2010.
- \_\_\_\_\_. “Há muitas coisas que ainda gostava de fazer” in: *Parágrafo*  
<<http://paragrafopontofinal.wordpress.com/2011/07/08/%E2%80%9Cha-muitas-coisas-que-ainda-gostava-de-fazer%E2%80%9D/>> Acesso em: set. de 2012.